

PRESS RELEASE

Barómetro de Risco País e Risco Sector da Coface – 4º Trimestre 2023 – 2024, um ano crucial

Lisboa, 05 de fevereiro de 2023 - Depois de um ano de 2023 algo turbulento, que acabou por ser muito melhor do que o esperado, o ano 2024 está a preparar-se para ser tão desafiante quanto incerto, tanto em termos (geo)políticos, com mais de 60 eleições nacionais - presidenciais e/ou legislativas -, como em termos económicos, com riscos crescentes numa economia mundial ainda em desaceleração suave. Neste contexto, alterámos 13 Avaliações de Risco País (12 revisões em alta e 1 revisão em baixa) e 22 Avaliações do Risco Setorial (17 revisões em alta e 5 revisão em baixa), refletindo uma melhoria significativa das perspetivas, embora frágil, num ambiente que continua a ser altamente instável e, por conseguinte, incerto.

O crescimento global continua a diminuir, mas não está em rutura (ainda).

Pelo terceiro ano consecutivo, o crescimento da economia mundial deverá **abrandar para 2,2% em 2024, após 2,6% no ano passado.**

Embora a economia pareça estar no bom caminho nos EUA, **a atividade económica deverá continuar a desacelerar no primeiro semestre do ano**, na sequência da diminuição dos gastos das famílias, especialmente porque as reservas de poupanças excedentárias, acumuladas durante a pandemia, está agora em grande parte esgotada e continuará a diminuir.

A economia chinesa, que parecia ter recuperado o fôlego no segundo semestre de 2023, terminando o ano com um crescimento do PIB de 5,2%, ligeiramente acima do objetivo oficial de crescimento, está **a estagnar desde o início deste ano**. A recuperação do consumo continua frágil e as preocupações com a correção do mercado imobiliário, a resolução da dívida das administrações locais e as pressões deflacionistas continuam a pesar sobre o investimento privado e o sentimento dos consumidores.

Na Europa, prevê-se uma (quase) estagnação no primeiro semestre do ano. A indústria transformadora continua a ser penalizada pela persistência de custos elevados e pela fraca procura externa.

Inflação e taxas de juro: um ambiente adverso para as empresas

Apesar de uma queda em 2023 e de uma tendência de curto prazo bastante tranquilizadora, a inflação subjacente ainda **é o dobro do objetivo do banco**

central na maioria das zonas monetárias desenvolvidas. O desafio para 2024 será ver se as restrições monetárias que estão em curso há mais de 18 meses são suficientes para percorrer "**o quilómetro final**" e trazer a inflação de volta para 2%. E mantê-la dentro desse objetivo.

Os mercados de trabalho ainda apertados, com taxas de desemprego abaixo do seu nível estrutural, taxas de oferta de emprego historicamente elevadas e uma dinâmica salarial sustentada, sugerem que a batalha ainda não está ganha - independentemente de quaisquer choques de oferta que possam ocorrer no atual ambiente geopolítico.

De qualquer modo, e salvo algo inesperado, o ambiente das taxas de juro a que todos os agentes - famílias, empresas e governos - se habituaram nos últimos quinze anos, pertence agora firmemente ao passado e **as taxas de juro deverão manter-se em níveis elevados ao longo do ano, em todas as economias avançadas.**

As expectativas do mercado de até 6 cortes nas taxas de juro (de 25 pontos base cada) ao longo do ano parecem-nos excessivas, em ambos os lados do Atlântico. Na Europa, apesar da fraca dinâmica da atividade, as pressões inflacionistas de base ainda superiores a 2% não deverão permitir que o BCE - e o Banco de Inglaterra - iniciem a flexibilização monetária antes, na melhor das hipóteses, do verão de 2024.

Este ambiente económico adverso **manterá as empresas numa situação difícil.** Uma aceleração acentuada das insolvências é, por conseguinte, um dos principais riscos negativos para o nosso cenário central.

As economias emergentes impulsionam o crescimento global, mas continuam a ser muito heterogéneas

Em 2024, os países emergentes serão os **principais motores da economia mundial**, contribuindo com 1,7 pontos percentuais para o crescimento de 2,2% do PIB mundial. **As economias emergentes serão, por conseguinte, responsáveis por três quartos do crescimento mundial**, o nível mais elevado desde 2013. O Sudeste Asiático voltará a ser uma das regiões mais dinâmicas, com um crescimento de 4,6%, após 4% no ano passado.

Os países mais pobres e mais endividados enfrentarão maiores dificuldades. Com taxas de juro elevadas e um dólar que deverá manter-se forte, há todos os motivos para recear um agravamento dos incumprimentos soberanos. **Alguns países já se encontram em situação de incumprimento** ou quase, como o Sri Lanka, o Gana, a Etiópia, o Malawi, o Paquistão e o Laos.

A escalada das tensões no Mar Vermelho faz disparar o custo do transporte marítimo

A instabilidade na região do Mar Vermelho constitui **uma grande ameaça para o tráfego marítimo.** Esta rota comercial dá acesso ao Canal do Suez, a rota



marítima mais rápida que liga a Europa (nomeadamente Roterdão ou Londres) à Ásia. Cerca de 12% do comércio mundial e 30% do tráfego mundial de contentores passam por ela.

Dada a ameaça na região, **a maioria das companhias de navegação já está a evitar o Canal do Suez** e a optar pelo Cabo da Boa Esperança, que dá a volta ao continente africano e acrescenta mais de dez dias ao tempo de viagem. Para os que continuam a utilizá-lo, os custos de segurança e de seguro estão a subir significativamente.

Para compensar estes custos, os transportadores estão a redirecionar os seus navios para as rotas comerciais europeias e mediterrânicas, o que reduz o espaço disponível para as mercadorias que viajam nas rotas transpácificas e Norte-Sul, resultando também em tarifas mais elevadas.

Apesar dos aumentos **das taxas dos fretes marítimos, que mais do que duplicaram desde Xangai, e até triplicaram em algumas rotas para a Europa**, ainda estão, em média, abaixo dos seus níveis recorde do início de 2022. Por enquanto, acreditamos que o impacto inflacionista será contido - na ordem de 0,1 pontos de inflação a nível global (0,2 pontos na Europa) e não parece suscetível de fazer descarrilar o nosso cenário central.

COFACE MEDIA RELATIONS

Cláudia Mousinho: +351 211 545 400 – claudia.mousinho@coface.com

COFACE: FOR TRADE

Com mais de 75 anos de experiência e a mais extensa rede internacional, a Coface é uma líder em seguro de crédito e serviços especializados complementares, incluindo o Factoring, a Recuperação de Créditos, Single Risk e os Serviços de Informação. Os especialistas da Coface trabalham ao ritmo da economia mundial, apoiando 50.000 clientes, distribuídos por 100 países, na construção de negócios dinâmicos e de sucesso em todo o mundo. Com a visão e o aconselhamento da Coface, estas empresas podem tomar decisões informadas. Os serviços e soluções do Grupo reforçam a sua capacidade de venda, fornecendo-lhes informações fiáveis sobre os seus parceiros comerciais e protegendo-as contra os riscos de não pagamento, tanto no mercado doméstico como na exportação. Em 2022, a Coface empregou 4.720 pessoas e registou um volume de negócios de €1.81 bilião de euros.

Para mais informações, visite [coface.pt](https://www.coface.pt)

COFACE SA. is listed on Compartment A of Euronext Paris.

ISIN Code: FR0010667147 / Mnemonic: COFA

Since July 25, 2022, COFACE SA certifies its communications.
You can check their authenticity on [wiztrust.com](https://www.wiztrust.com)

